



APRESENTAÇÃO

REDES E FLUXOS DAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRODESCENDENTES

Estudar a produção literária de lugares deixados ainda à margem de discussões acadêmicas, como constatamos ser a situação das obras produzidas nos países africanos, incluindo aí a produção literária afrodescendente (conjunto de produtos, de autoria afrodescendente, que tematizaria a negritude a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do negro em diversos países), é algo que vem sendo feito ainda de modo tímido em algumas universidades e, menos ainda, nas escolas brasileiras, mesmo tendo em vista exigências de leis e diretrizes nacionais. Isso ocorre por vários motivos, sendo que um deles está centrado na pouca divulgação dessa produção, o que dificulta o seu acesso e, conseqüentemente, nos poucos estudos críticos a elas dedicados, responsáveis pela sua valorização junto aos leitores. Além disso, quando essas produções são estudadas, são consideradas a partir de um foco eurocêntrico e artificial.

A lei 10639/03 foi um dos primeiros atos do governo Luiz Inácio Lula da Silva, que alterou a LDBEN 9394/96, acrescentando-lhe o Art. 26-A, que torna obrigatório “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares o ensino sobre história e cultura afro-brasileira”, e já prevê, no parágrafo primeiro, como conteúdo programático,

o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Essa exigência foi implementada pela Lei 11645/08, que acrescenta a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Tais leis têm por finalidade estruturar e organizar as políticas que dizem respeito à educação e às relações étnico-raciais, visando promover sua implementação em todos os níveis de ensino, como também a formação continuada de professores e o incentivo na produção, divulgação e valorização de novos conhecimentos. Por outro lado, têm o objetivo de impulsionar a formação de atitudes e posturas de cidadãos conscientes da importância de seu pertencimento racial.



São também Leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais que fazem o Brasil o país rico, múltiplo e plural (Plano Nacional – 10.6391).

Trata-se de um grande desafio para os pesquisadores, que traz a necessidade de um trabalho conjunto, com amplas trocas de saberes para extrapolar o ponto de vista do poder constituído; de pesquisas que tenham em seu referencial bibliográfico conceitos e teóricos que abram possibilidades de reflexão e diálogo, levando em consideração que essas produções se consolidam como um dos mais curiosos fenômenos da literatura contemporânea.

Assim, no periódico científico *Polifonia*, na sua edição de nº 26, sob o eixo temático **Redes e Fluxos das Literaturas Africanas e Afrodescendentes**, reunimos trabalhos inéditos que trazem discussões acerca das produções literárias e culturais emergentes do processo de colonização e da experiência pós-colonial nos países africanos, bem como da expansão dessa experiência histórica por meio dos diálogos transculturais que marcam sobremaneira a produção afrodescendente. Os textos expostos nesta edição empreendem, dessa maneira, o desafio de localizar redes e fluxos comunicativos formados por contatos tangíveis ou contingenciais de trocas ou de imposições, de impregnações ou de resistências, contatos esses que são sempre marcados pelo plural e pelo múltiplo.

As experiências e culturas compartilhadas são as vias que estão na base do tema nuclear desta edição da *Polifonia*. Seus textos estão organizados em três blocos temáticos: “Literaturas Africanas”, “Literaturas Afrodescendentes” e “Africanidades Temáticas”. Integram esse grupo, dando efetiva contribuição às reflexões, duas importantes entrevistas, uma, com o escritor angolano Ondjaki, concedida a Renata Beatriz Rolon, e a outra, com os pesquisadores Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, realizada por Marinete Luzia Francisca de Souza.

No primeiro bloco foram colocados artigos que se voltam para as produções contemporâneas. Abrem as discussões a pesquisa de Francisco Noa, **A literatura moçambicana e a reinvenção da contemporaneidade**, que, ao refletir sobre a experiência da contemporaneidade na África, traz interessantes questionamentos a respeito da participação da literatura e da arte em geral, tendo como fulcro o Ocidente. Ancorado também no espaço da literatura moçambicana, está o texto de Lucineide Rodrigues Monteiro e Miguel Nenevé, **O outro pé da sereia de Mia Couto: a desconstrução da visão eurocêntrica sobre Moçambique**, por meio do qual tentam mostrar como o autor promove em sua obra a desconstrução da visão eurocêntrica sobre a África



e Moçambique. Ainda tomando como *corpus* de reflexão obras desse festejado autor moçambicano, Mia Couto, temos o texto de Gisele Wolkoff, **Imagining transfrontier spaces in Mia Couto's *The last flight of the flamingo***, que discute questões acerca do pós-colonialismo e da interculturalidade, encarando o romance como uma prática de tradução cultural que contribui para a criação de uma imagem contemporânea de Moçambique.

Ângela Lamas Rodrigues, em **Colonização da mente e eurocentrismo: reflexões sobre o lugar das literaturas africanas no Brasil**, indaga sobre o discurso eurocêntrico imperialista contido na base dos estudos que enfocam exclusivamente as literaturas africanas escritas em línguas europeias, em detrimento das literaturas produzidas em línguas africanas, sobretudo no espaço acadêmico brasileiro.

No âmbito das produções contemporâneas, as autoras Sueli Saraiwa e Rita Chaves, com base no discurso literário de dois romances angolanos, refletem sobre o modo como as elites figuram como protagonistas na ficção pós-independência, no intuito de contribuir para a compreensão de uma realidade que tem instigado os estudiosos do pós-colonialismo, no texto intitulado **Retrato da elite na perspectiva do romance angolano contemporâneo**. Nesse diálogo sobre o social, sob um prisma multidisciplinar que envolve áreas como a sociologia, a história e o discurso literário, Marília Fatima Oliveira Bandeira e Laura Patricia Zuntini, em **A sociedade do apartheid em *Waiting for the barbarians* de J. M. Coetzee**, investigam a representação literária de elementos históricos e sociais que permitiram a constituição de um regime opressivo e discriminatório na África do Sul.

No território cabo-verdiano localizam-se as ações do romance *O escravo*, sobre o qual se debruça a autora Susanne Castrillon no texto **Tramas e redes, fios que tecem a escravidão e a raça no romance *O escravo*, de José Evaristo Almeida**, para refletir, por meio das conexões entre escravatura e raça, as tramas narrativas decorrentes de conflitos políticos, históricos e culturais, que se dão sobretudo por meio da miscigenação por coerção, no contexto da escravidão colonial em que estão inseridos.

No segundo bloco, são apresentados outros posicionamentos e trânsitos a respeito de autores e obras que versam sobre temáticas afrodescendentes. Em **Candelario Obeso y Machado de Assis: dos proyectos de letras y nación**, Maria Cândida Ferreira de Almeida compara os projetos estéticos e políticos de dois autores afrodescendentes oitocentistas, o colombiano Candelario Obeso e o brasileiro Machado de Assis, cada um revestido de cabal importância para a constituição das literaturas nacionais de seus países, com sua discussão a respeito da linguagem a ser empregada e dos sujeitos a serem incluídos na representação literária.



Transportando a discussão a respeito da situação do afrodescendente para o Brasil das décadas de cinquenta e sessenta do século XX, Alvany Rodrigues Noronha Guanaes e Fabiane Rodrigues Noronha, em **Multi-layered subjectivity issues in Carolina Maria de Jesus's *Unedited diaries***, pesquisam a representação da subjetividade negra marginalizada como forma de contranarrativa à estratificação e exclusão impetradas por um posicionamento intelectual, educacional e cultural elitista. Mais especificamente a respeito das estratégias de constituição de uma identidade negra num espaço diaspórico, Thomas Bonnici investiga, em **Não se faz negro, torna-se negro: o processo de identidade negra em *Every light in the house burnin'*, de Andrea Levy**, o tratamento literário do processo de construção identitária dos negros britânicos na contemporaneidade, enfocando sua busca por visibilidade no contexto hegemônico branco do Reino Unido.

Fulvio Torres Flores e Sirlei Santos Dudalski examinam a condição da comunidade negra nos Estados Unidos dos anos 1960 em **O entrecruzamento de classe, gênero e etnia em *Wine in the wilderness*, de Alice Childress**, mostrando como divisões classistas, sexistas e até mesmo étnicas marcavam o cotidiano dos membros dessa coletividade. As autoras Cláudia Maria Fernandes Corrêa, Érica Antunes Pereira e Mailza Rodrigues Toledo e Souza, por sua vez, discutem as consequências da diáspora africana para as Américas, no artigo **Dos (re)encontros com os silêncios da história: a poética afro-caribenha rememora a diáspora**, enfocando as estratégias de incorporação da língua inglesa, com a quebra do silenciamento e a reversão dos discursos de opressão racial e cultural, na obra poética de Marlene Nourbese Philip, autora contemporânea nascida em Trinidad e Tobago que emigrou para o Canadá.

No terceiro bloco foram reunidos estudos a respeito do tratamento dado à África ou à condição afrodescendente, como temas, em obras de natureza diversificada. Vincenzo Russo, em **Um império de papel: geografias metropolitanas da África na retórica colonial portuguesa**, analisa as estratégias do Império português para legitimar sua ação exploratória na África, ao empregar as cartografias como meio de dar vazão e sustentação às suas fantasias, funcionando como um manancial de representações culturais que justificavam a dominação de outros povos.

José Carlos Siqueira, em **Eça de Queirós e a representação do horror na colonização africana**, demonstra como o empreendimento colonial português na África envolveu uma série de representações que mascaravam o seu caráter essencialmente violento, algo que não escapou ao crivo de Eça de Queirós, que se revela, assim, um crítico perspicaz desse processo. A violência colonial também é um dos temas explorados por Mariana Bolfarine e Angus Mitchell, em **Um rei belga contra**



um cônsul britânico em *King Leopold's soliloquy: a defense of his Congo rule*, de Mark Twain, no qual investigam a natureza panfletária desse romance de Twain, que se configura como uma denúncia das atrocidades cometidas pela administração belga no Congo.

Ada Milani e Vincenzo Russo incluem o jornalismo nessa discussão ao analisar, em **1º de julho de 1970 – O encontro entre Paulo VI e os “rebeldes” das colônias portuguesas de África: a recepção da imprensa italiana**, os modos como a imprensa italiana noticiou a audiência concedida pelo sumo pontífice aos representantes dos movimentos de libertação das colônias portuguesas, demonstrando as diferenças de abordagem entre os jornais de direita e de esquerda.

Leoné Astride Barzotto, por sua vez, volta-se para a poesia. Em **Batuque chiando no terreiro: a presença africana na literatura de Lobivar Matos**, examina os temas da afrodescendência e da herança africana na obra desse poeta de Mato Grosso do Sul, enfocando principalmente a representação de Sarobá, um bairro habitado, em sua maioria, por negros na cidade de Corumbá.

À medida que “viajar é sempre preciso”, como nos aconselham os argonautas, as organizadoras desta edição agradecem aos colaboradores e convidam o público – estudiosos e apreciadores –, a fazer parte dessa instigante viagem pela literatura africana e afrodescendente, bem como compartilhar experiências por meio da leitura dos artigos aqui oferecidos.

Cuiabá, dezembro de 2012.

Marinei Almeida
Divanize Carbonieri